



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



CULTURA  
ACADÊMICA  
*Editora*

## Posfácio à 3a. edição - Como se fez uma tese: entrevista com a autora, 20 anos depois

Maria do Rosario Mortatti Magnani

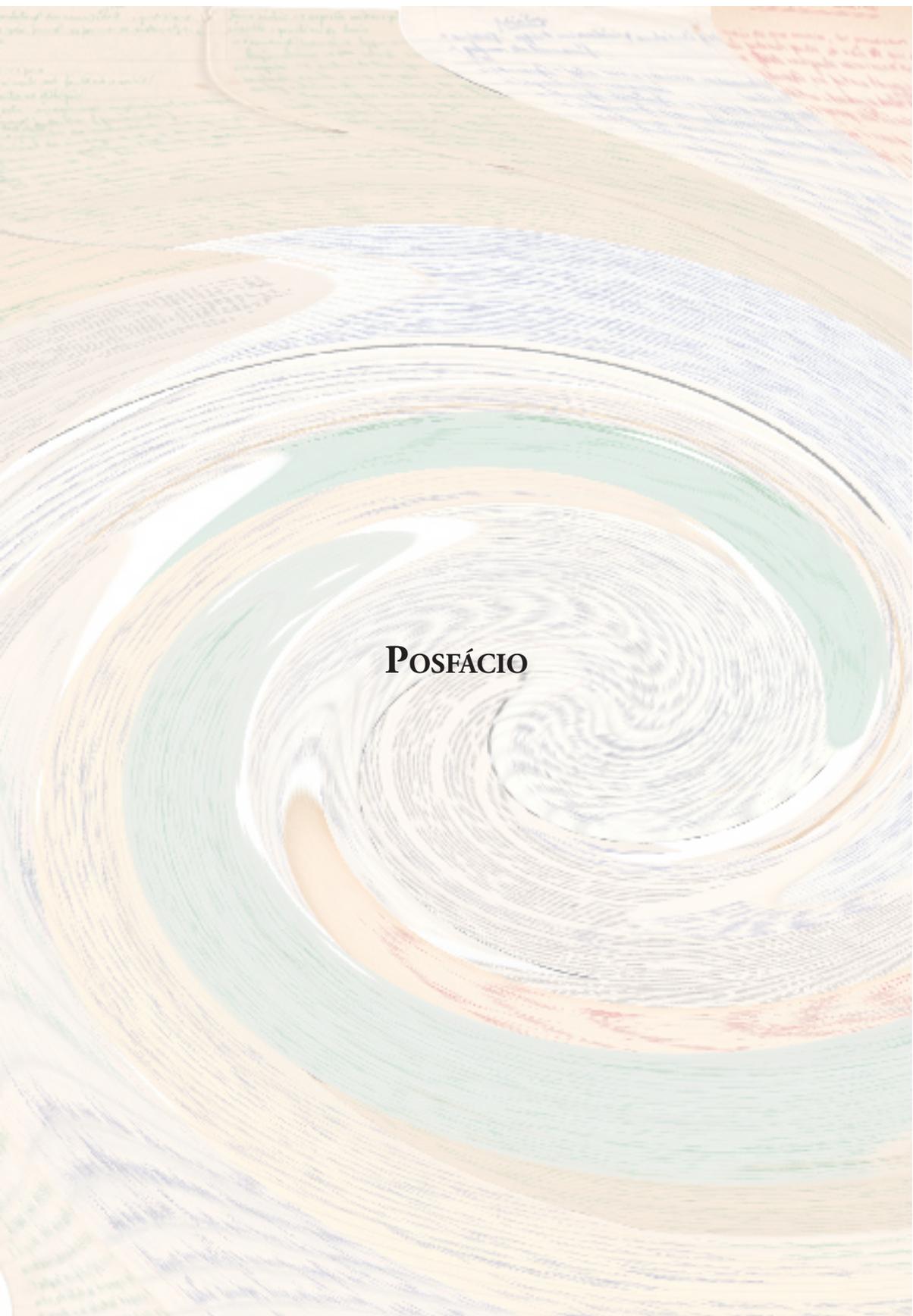
**Como citar:** MAGNANI, M. R. M. Posfácio à 3a. edição - Como se fez uma tese: entrevista com a autora, 20 anos depois. *In:* MAGNANI, M. R. M. (org.). **Em sobressaltos: formação de professora.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 365-374.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-034-4.p365-374>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



**POSFÁCIO**

## COMO SE FEZ UMA TESE: ENTREVISTA COM A AUTORA, 20 ANOS DEPOIS<sup>1</sup>

**M.R.L.M.:**

[...] mares, rotas, monstros, piratas e naufrágios, tudo isto ainda é um desafio. Não se pode dar por terminada a viagem sem se ter chegado ao destino... mas se nós mesmos o fazemos... eis o “nonsense”: frágil limite entre o épico e o cômico... pelo menos é possível abreviar o roteiro: que rumos propomos para nossa formação de professores da escola pública no estado de São Paulo? Tão sensato quanto o noturno desmanchar da mortalha. Apressemo-nos a levantar âncoras e terminar a pesquisa que o pano não tarda a subir. Tanta coisa ainda por fazer... o milênio quase chegando ao fim:

Com este diálogo entre você e M.R., encerra-se sua tese de Doutorado<sup>2</sup>. De que trata essa tese?

**M.R.M.M.:** Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa e da pesquisa de fundo histórico e por meio de um estudo de caso apresentado de acordo com as características da epopeia, enfoque nessa tese o problema da formação de professores, em particular a formação de uma professora de língua portuguesa e literatura. Fundamentada em pressupostos teóricos marxistas, discuto a hipótese de que o sujeito se forma no trabalho, movido por utopias e sobressaltado pelas contingências, ou seja, o professor *se* forma no processo de formação *por* outros e *de* outros, e a especificidade do ofício de ensinar consiste em um trabalho metacog-

---

<sup>1</sup> MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Como se fez uma tese: entrevista com a autora vinte anos depois. In: SILVA, Marilda da; VALDEMARIN, Vera Teresa (org.). *PESQUISA EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E MODOS DE FAZER*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 124-134.

<sup>2</sup> MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. ... *em sobressaltos*. Orientador: João Wanderley Geraldi – IEL-Unicamp. 1991. 373f. Tese (Doutorado em Educação – Metodologia do ensino) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1991. Essa tese foi publicada sob a forma de livro, cuja referência é: MAGNANI, M.R.M. *Em sobressaltos: formação de professora*. Campinas: Editora Unicamp, 1993. (2ª. edição – 1997)

nitivo, de reflexão sobre o conhecimento, em que se produz uma proposta de ensino.

**M.R.L.M.:** Para o desenvolvimento da pesquisa, que procedimentos utilizou? Por quê?

**M.R.M.M.:** Antes da descrição dos procedimentos, uma explicação é imprescindível. Meu objetivo inicial no projeto de pesquisa para o Doutorado era, em continuidade à dissertação de Mestrado<sup>3</sup>, elaborar e apresentar, na condição de professora de língua e literatura no então ensino de 1º. e 2º. graus, uma proposta para o ensino dessa(s) disciplina(s). Leituras, reflexões e discussões com colegas e com professores universitários, no entanto, fizeram-me concluir, por um lado, que qualquer proposta que eu elaborasse, por melhor e mais bem fundamentada que eu a considerasse, seria sempre destinada à execução por parte de outros que não tinham participado do processo de sua concepção, nem participariam de sua avaliação. Por outro lado, pude também concluir que toda proposta de ensino está diretamente relacionada com a história de vida e com o processo de formação e atuação docente daquele(s) que a elabora(m), e talvez essa proposta não faça sentido para outros, a não ser que se possa mostrar também qual o contexto em que foi elaborada, qual o caminho percorrido para isso.

Tratava-se, então, de abordar um tema específico inserido na temática da formação de professores, a qual, a despeito de seu caráter relativamente fluido, eu considerava que já estava, à época, bastante explorada, especialmente no que se refere ao caráter normativo e prescritivo de propostas de intervenção tanto na formação quanto no trabalho docente, como tentativas de superação de um dos eixos problemáticos da então amplamente denunciada “crise da educação”. Por isso, a fim de contemplar a especificidade do tema e do problema de investigação escolhidos, tornou-se necessário abordá-los por meio de pesquisa de tipo qualitativo, que começava a ser divulgada e utilizada na área de Educação, em especial no curso de pós-graduação que eu frequentava.

---

<sup>3</sup> MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola: subsídios para uma reflexão sobre a formação do gosto*. Orientador: Joaquim Brasil Fontes Júnior. 1987. Dissertação (Mestrado em Educação – Metodologia do ensino- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1987. Essa dissertação foi publicada sob a forma de livro, cuja referência é: MAGNANI, M.R.M. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

**M.R.L.M.:** Para o desenvolvimento desse tipo de pesquisa, você se inspirou em algum modelo?

**M.R.M.M.:** Não havia modelos específicos em que pudesse me basear. Havia apenas certas teorizações a esse respeito assim como as muitas questões que fui formulando, como desafios a serem enfrentados, e que, em vários momentos, quase se tornaram impasses imobilizadores, não fosse a interlocução com meu orientador<sup>4</sup>.

Como abordar esse tema, sem incidir em redundâncias ou discursos prescritivos elaborados por um “especialista” no assunto e destinados à execução por parte de outros, os professores de 1º. e 2º. graus? Como abordar os problemas envolvidos na formação de professores, a partir “de dentro” mesmo desse processo formativo? Onde encontrar a voz do professor e resgatar sua vivência de formação e atuação, para torná-lo sujeito, em vez de mero “objeto” de investigação? Como apresentar uma proposta para o ensino de Português, sem prescrever o que deveria ser feito por todos os professores, mas sem tampouco desconsiderar minha experiência tanto de formação e atuação docente quanto de formadora de outros professores, nem me omitir de mostrar e discutir o que e como fiz e por que fiz? Como dar forma a tais questões, como apresentá-las e sobre elas refletir num texto acadêmico-científico, em que usualmente não cabiam vozes “menores”, vivências cotidianas, discursos não autorizados, sobretudo quando enunciados na primeira pessoa do singular e na voz ativa? Como fazer interagirem diretamente, como sujeitos, tanto o pesquisador quanto aquele(s) que participa(m) da pesquisa na condição de “pesquisado(s)”? Como desenvolver pesquisa do tipo qualitativa, de forma coerente e radical? Como elaborar um texto que se caracterizasse, também de forma tão coerente e radical quanto possível em relação aos pressupostos teórico-metodológicos escolhidos, como materialização discursiva da discussão do problema e da hipótese assim como da busca de respostas a essas questões?

**M.R.L.M.:** Quais foram, então, suas escolhas para elaboração da tese?

**M.R.M.M.:** A tese representa uma tentativa muito pessoal de discutir o problema e a hipótese de investigação e responder a essas questões; mas,

---

<sup>4</sup> Trata-se, como informei, do professor João Wanderley Geraldi, ao qual solicitei orientação formal para a tese desenvolvida na FE/Unicamp, embora ele estivesse vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp.

articuladamente a essas, busca responder, também de forma muito pessoal, às questões “O que é uma tese (em educação)?”, “Como se faz uma tese (em educação)?”.

À época, acompanhando o processo então ainda tímido de criação e implementação sistemática de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, essas questões circulavam no meio acadêmico, especialmente naquele que eu frequentava, onde era bastante lida e divulgada a tradução brasileira do livro *Como se faz uma tese*, de Umberto Eco.<sup>5</sup> É, porém, sobre a fatura do texto da tese, em especial dos procedimentos utilizados para sua elaboração, que eu talvez tenha mais o que dizer.

E, agora, novas questões se impõem, como dificuldades que é melhor confessar desde já, para que, ao final, o leitor não se sinta traído e largado à deriva no mar de expectativas em que meus anúncios possam desaguar. Em se tratando de um texto que já explicita abundantemente seus protocolos de leitura, como explicar o que e como foi feito, sem cair nas armadilhas ou da redundância, ou do despiste?

**M.R.L.M.:** Calar-se pode também ser uma forma de despiste... Por que não descrever suas escolhas, deixando para os leitores a avaliação a respeito das armadilhas e redundâncias?

**M.R.M.M.:** Bem, parece que, novamente, posso menos escolher do que acatar escolhas, sobretudo porque um texto escrito somente existe e sobrevive se for lido. E, quem sabe?, (des)explicando o inexplicável, eu consiga despertar algum interesse nos que ainda não o leram e oferecer mais uma chave para outras portas de entrada possíveis para aqueles que já o leram. Eis, então, algumas explicações.

Frente a tantos desafios, inspirei-me em textos de alguns escritores e poetas — James Joyce, Italo Calvino, Virginia Woolf, Thomas Mann, Isaac Dinensen, Maksim Gorki, Henry James, Thomas S. Elliot, Joaquim Maria Machado de Assis, Anton Tchecov. Os pressupostos teóricos, busquei-os em textos de Antonio Gramsci, Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, Harry Braverman, Lev S. Vygotsky, João W. Geraldi, Evaldo Vieira. E as orientações teórico-metodológicas, encontrei-as no livro *Metodologia da pesqui-*

---

<sup>5</sup> ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson César Cardoso. São Paulo: Perspectiva, 1983.

*sa-ação*, de Michel Thiollent. Assim, optei por desenvolver um estudo de caso centrado na formação de uma professora de língua e literatura.

Na fase inicial da pesquisa, recuperei, reuni, selecionei e ordenei, de acordo com critério temático e cronológico, um extenso conjunto de documentos relacionados diretamente com o caso em estudo. Articuladamente às inspirações, pressupostos teóricos e orientações teórico-metodológicas, na busca de resposta a tantas questões que formulei, a análise preliminar desses documentos foi sugerindo certas opções para a elaboração do texto da tese.

No caso em estudo, a especificidade do ofício de professora de língua e literatura e sua inserção tanto na área de Letras quanto na de Educação demandaram conciliar, *necessariamente*, procedimentos metodológicos relacionados com:

a) a pesquisa qualitativa em educação, baseada na interação pesquisador-pesquisado, essa estreita relação de ambos entre si e com um problema a ser resolvido, movidos pela necessidade de compreensão e interpretação, à luz de bibliografia especializada, de material predominantemente discursivo (linguagem em situação) relativo a um estudo de caso;

b) a pesquisa de fundo histórico (em educação), desenvolvida por meio de procedimentos de recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise de fontes documentais verbais (impresas ou manuscritas) e iconográficas; e

c) a narrativa característica da epopeia, centrada na narração dos feitos e fatos de um “(anti-)herói”, com entrecruzamento de ação individual e coletiva, e estrutura desdobrada em proposição, invocação, narração e epílogo.

**M.R.L.M.:** Por que a opção pela narrativa característica da epopeia?

**M.R.M.M.:** Talvez essa seja a mais difícil de explicar. Penso que se tratou de algo inevitável, como uma necessária decorrência de todos os aspectos que descrevi anteriormente e, sobretudo, como uma exigência do objeto de investigação que fui construindo ao longo da pesquisa. E, embora, como já destaquei, o texto da tese explicita sobejamente seus protocolos de leitura, arrisco-me a descrever aqui, em síntese, os procedimentos que utilizei para sua fatura.

Nessa tese, o problema de investigação é apresentado, em discurso acadêmico-científico, na “Proposição”, em que são também problematizadas as

principais questões que então se formulavam a respeito do tema da formação de professores relacionado com a “crise da educação”.

Caracterizando-se como uma espécie de passagem para a parte seguinte, na “Invocação” alternam-se citações dos textos literários, ensaísticos e científicos, que inspiram e fundamentam a discussão da hipótese, ao longo da tese. Na “Narração”, a pesquisadora cede lugar à “pesquisada”, M.R., que entra em cena como narradora-protagonista da ação. Embora tenha sido utilizada como ponto de partida também — não apenas — a experiência mesma da pesquisadora, o sujeito do discurso remete, não a um “eu” particular e empírico, mas a um sujeito narrador-protagonista como instância discursiva e ficcional organizadora dos muitos “eus” de uma mesma geração, que compartilharam de mesmos anseios históricos. Por meio desse recurso, são também narrados importantes momentos da história da educação e da cultura brasileiras, na segunda metade do século XX. E, desse modo, a proposta de ensino elaborada por M.R. pôde ser apresentada como resultado (provisório) de seu processo de formação e atuação docentes, diluindo-se, portanto, o caráter exemplar e prescritivo. A experiência narrada, por sua vez, torna-se objeto de investigação, sendo elevada ao nível da inteligibilidade, mediante processo de conceitualização, adquirindo sentido no âmbito de uma experiência histórica e possibilitando apreender um passado recente da educação e da cultura brasileiras. Assim também, elevada a professora “pesquisada” à condição de protagonista, sua voz se sobrepõe à da pesquisadora.

No “Epílogo” tem-se, não uma proposta de solução, mas um diálogo entre pesquisadora e “pesquisada”. Buscando sintetizar o significado do processo de formação vivenciado por ambas — inclusive aquele propiciado pelo desenvolvimento da pesquisa e pela fatura do texto da tese —, uma e outra se veem novamente confrontadas com a necessidade de agir para transformar a situação-problema formulada inicialmente, agora, talvez, com maior grau de compreensão (ou de dúvida?) a respeito de suas possibilidades e limitações.

A uma bibliografia sucinta, segue-se um “Roteiro”, como índice e como mapa para orientar a leitura e possibilitar o acompanhamento da sequência cronológica da fatura do texto e da narração.

Por fim, destaco que o título — ... *em sobressaltos* — foi tomado de empréstimo a um trecho do artigo “Ensino de gramática e ensino de literatura”, de Haquira Osakabe, que consta na “Invocação” e que funciona como uma epígrafe da tese:

[...] se ela [a linguagem] imita a vida, ela tem de se expor às rupturas. Menos do que uma decorrência “natural”, a reivindicação da ruptura funda um princípio de sobrevivência: a vida formulada em sobressaltos. Esse é o “espaço” em que se constitui o sujeito do discurso, incompletude por definição.<sup>6</sup>

**M.R.L.M.:** Qual a função das diferentes fontes e estilos dos caracteres gráficos utilizados na digitação do texto da tese?

**M.R.M.M.:** Essas diferenças formais remetem a diferentes gêneros discursivos (acadêmico, narrativo, literário, crítico, informativo, entre outros), a diferentes registros linguísticos e a diferentes tipos de documentos (diários pessoais, textos escolares, cartas, crônicas, fotografias, letras de canções, dentre outros) assim como a sua enunciação por diferentes sujeitos (pesquisador, “pesquisado”, professor, poetas e romancistas, historiadores da educação, críticos literários, dentre outros) e ao diálogo entre eles ao longo do texto da tese. Impunham-se, portanto, como recursos que eu considerava serem os mais coerentes e adequados para a materialização do caráter dialético, intertextual, polifônico, pluritonal e, por vezes, dodecafônico do problema formulado na “Proposição” e da hipótese discutida, na tese.

À época da elaboração da tese, o computador e seus fundamentais acessórios e ferramentas não estavam disponíveis, como nos dias atuais. A versão final da tese foi digitada em microcomputador, por um profissional que utilizou caracteres em redondo, itálico e negrito; e foi impressa em papel no formato “formulário contínuo”. Mas redigi todo o texto, ao longo de um mês de trabalho, datilografando em máquina elétrica, alternando apenas as fitas preta e vermelha para marcar as diferenças de discurso e indicando à margem das folhas, com anotações a lápis, as respectivas fontes e estilos que deveriam ser utilizados pelo digitador. Também recorri a muita fita corretiva, gastei muito papel para passar a limpo, além de tesoura, muita cola e “durex”, para recortar, excluir ou remover trechos já datilografados.

<sup>6</sup> OSAKABE, Haquira. Ensino de gramática e ensino de literatura. *Linha D'Água*, São Paulo, APLL, n. 5, p. 57-62, 1988.

A ausência de um *scanner* e a dificuldade em inserir cópias “xerox” no corpo do texto digitado assim como a dificuldade da impressão em cores me fizeram optar por transcrever os documentos escritos que havia selecionado e por descrever, com palavras, os documentos iconográficos, o que pode também ser entendido como mais uma possibilidade da materialização discursiva proposta, ou, ainda, como mais um indicador de que, para M.R., professora de língua e literatura, “tudo” podia ser transformado em linguagem verbal.

**M.R.L.M.:** O texto final não lhe parece um pouco heterogêneo, com partes mais áridas e partes mais agradáveis para o leitor?

**M.R.M.M.:** De fato, há uma heterogeneidade deliberada e necessária no texto, buscando contemplar, a sua maneira e como já mencionei, tanto os diferentes gêneros discursivos, registros linguísticos, tipos de documentos, quanto os requisitos de uma tese acadêmica: apresentação do tema e formulação da situação-problema, revisão bibliográfica, formulação das questões de investigação e da hipótese, pressupostos teórico-metodológicos, apresentação e discussão dos resultados da pesquisa, com base em documentos e bibliografia.

Essa heterogeneidade resulta, certamente, em diferentes modos de leitura, com partes talvez mais agradáveis, como a “Narração”, e outras menos agradáveis, como a longa “Proposição”. É possível, ainda, que se leiam apenas trechos do texto, como o documento “Processo de formação de professores e construção de uma proposta de ensino de Português” que constitui o embrião da tese. Mas há também unidade no que se refere à coesão e à coerência textuais e, especialmente, ao ponto de vista explicitado, o que pode ser confirmado, por exemplo, no fato de os pressupostos teórico-metodológicos serem de base marxista e a maior parte dos textos literários citados na “Invocação” terem sido publicados no século XX.

**M.R.L.M.:** Considerando essas características, como foi a recepção da tese? Que questionamentos gerou?

**M.R.M.M.:** Obviamente, à época de sua defesa pública, a tese gerou questionamentos a respeito do conceito mesmo de tese acadêmica, agradando a uns e desagradando a outros, como se pode depreender dos exemplos a

seguir. Com palavras duras, uma professora que integrou a banca examinadora<sup>7</sup> manifestou, dentre outros, o incômodo com o que considerava ser um “memorial precoce”: se nem Antonio Candido ainda escrevera suas memórias, como uma simples professora de 1º. e 2º. graus, com apenas 36 anos de idade, ousara contar as suas? Outra professora que integrou a banca examinadora estabeleceu semelhanças entre a tese e o “romance de formação”, ressaltando sua estranheza frente à opção pela estrutura característica da epopeia. Outra professora, ainda, centrou atenção justamente nas características da epopeia, ressaltando a “sutil e engenhosa tessitura do texto” e entendo-a como uma espécie de chave e despiste.

De qualquer modo, a tese foi aprovada com nota máxima e publicada em livro, pela Editora da Unicamp, com prefácio do orientador, que fez considerações sobre a relação entre a tese e o contexto histórico, político e acadêmico de formação e atuação da pesquisadora e da “pesquisada”, assim como sobre as questões relativas à educação e à linguagem nela contidas, sugerindo, ainda, outras possibilidades de leitura.

A partir de então, a leitura da tese ou do livro correspondente vem propiciando diferentes compreensões. Para alguns, trata-se simplesmente de uma curiosa transgressão aos protocolos acadêmicos. Para outros, leitores menos contumazes, trata-se de um texto de difícil análise. Outros a tomaram como uma espécie de modismo a ser seguido, sobretudo nos aspectos formais, para a elaboração de seus trabalhos acadêmicos. E outros, ainda, tomaram o conteúdo da “Narração”, principalmente, como um dos objetos de análise em seus trabalhos acadêmicos.

Embora seja sempre arriscado tratar de maneira tão informal — como faço aqui — das leituras da tese e do livro — das quais tenho notícia —, não posso deixar de pelo menos mencionar que, atualmente, com os avanços das pesquisas em história da educação, sobretudo com a estreita relação que se vem estabelecendo entre narrativa histórica e narrativa ficcional e com a busca de novos objetos e novas abordagens nas pesquisas nesse campo de conhecimento, essa tese parece estar sendo entendida e enquadrada

---

<sup>7</sup> A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores com as respectivas filiações institucionais à época: J. W. Geraldi (IEL-Unicamp) - orientador, Lígia Chiappini M. Leite (FFLCH-USP), Evaldo A. Vieira (FE-Unicamp), Ana Luiza B. Smolka (FE-Unicamp) e Enid A. Dobranski (CEFAM-Campinas). Infelizmente, o professor Haquira Osakabe, membro “nato” dessa banca, não pôde dela participar, porque se encontrava em viagem ao exterior.

também em outra vertente de investigação: história de vida de professores. Bem, mas isso é assunto que foge aos objetivos deste texto, e os leitores já devem estar cansados de tanta (des)explicação...

**M.R.L.M.:** Chegamos a algum destino?

**M.R.M.M.:** Também esta viagem não me parece terminada. “[...] *mares, rotas, monstros, piratas e naufrágios, tudo isso ainda é um desafio...*” Tanta coisa havia e ainda há por fazer, tantos riscos desconhecidos, um novo milênio se iniciando ... Quanto ao tema da tese, penso que ainda cabe perguntar: que rumos propomos para a formação de professores e para o ensino de Português em nosso país? E quanto a este texto, também cabe pelo menos uma pergunta fundamental: ainda que, em sobressaltos, consegui explicar, coerentemente, o que e como fiz em minha tese de Doutorado e por que fiz?

Frente às possíveis respostas negativas, invoco M.R. e apresento, antecipadamente, minha defesa. Talvez também a mim tenham faltado engenho e arte e talvez eu também tenha arranjado mais problemas que soluções. Mesmo assim, ousou pedir:

Não me queiram prender como a um inseto  
no alfinete da interpretação

[...]

Basta que a torturada vida das palavras

Deite seu fogo ou mel na folha quieta,

Num texto qualquer com o meu nome embaixo.<sup>8</sup>

*Marília, 12/06/2018*

*MARIA DO ROSARIO LONGO MORTATTI*

---

<sup>8</sup> LUFT, Lya. Tanto. In: LUFT, Lya. *Mulher no palco*. São Paulo: Siciliano, 1984.